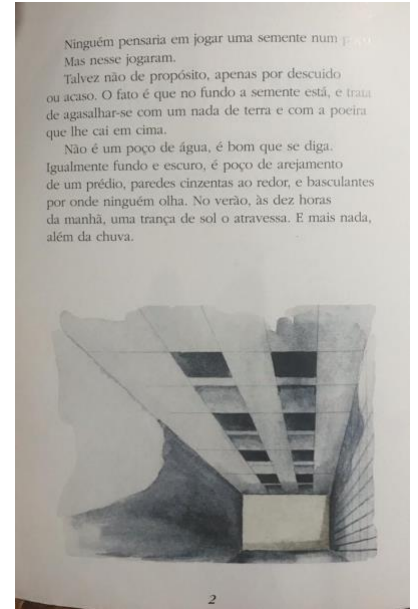
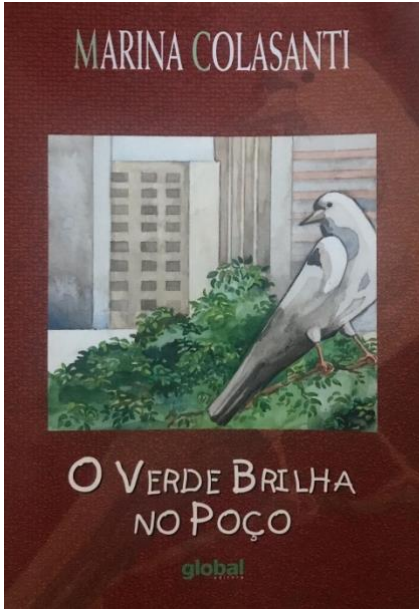
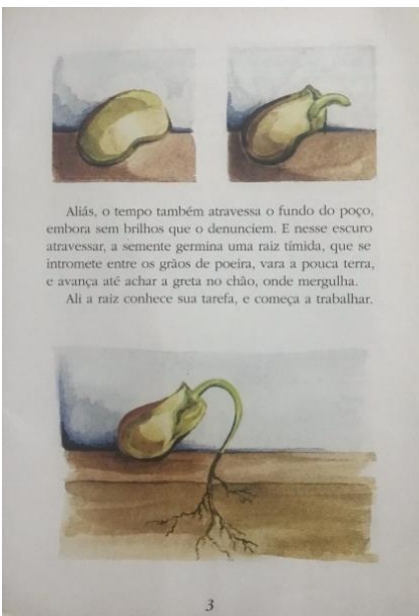


ATIVIDADE DOMICILIAR – 20/04 e 21/04

Leitura do livro "O Verde Brilha no Poço", de Marina Colasanti.



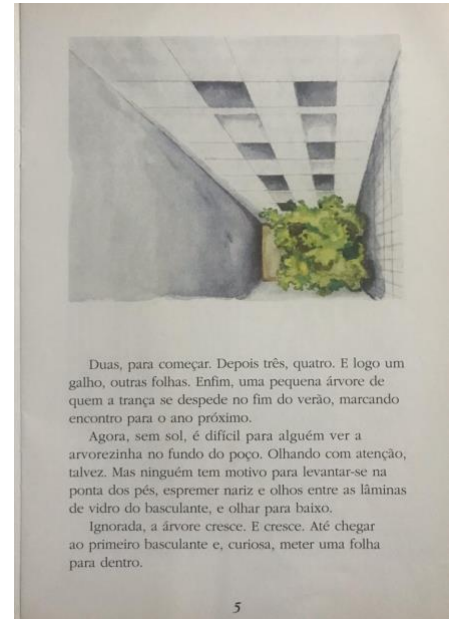
Ninguém pensaria em jogar uma semente num poço.
Mas nesse jogaram.
Talvez não de propósito, apenas por descuido
ou acaso. O fato é que no fundo a semente está, e trata
de agasalhar-se com um nada de terra e com a poeira
que lhe cai em cima.
Não é um poço de água, é bom que se diga.
Igualmente fundo e escuro, é poço de arejamento
de um prédio, paredes cinzentas ao redor, e basculantes
por onde ninguém olha. No verão, às dez horas
da manhã, uma trança de sol o atravessa. E mais nada,
além da chuva.



Aliás, o tempo também atravessa o fundo do poço,
embora sem brilhos que o denunciem. E nesse escuro
atravessar, a semente germina uma raiz tímida, que se
intromete entre os grãos de poeira, vara a pouca terra,
e avança até achar a greta no chão, onde mergulha.
Ali a raiz conhece sua tarefa, e começa a trabalhar.



É por isso que quando começa o verão e às dez
horas da manhã a trança chega desdenhosa ao fundo
do poço para começar sua travessia, em vez do céu
uniforme, cimento, parede e sombra, encontra um
brilho novo, lustroso verde de duas folhas em que
tomada de surpresa, quase se embaraça.



Duas, para começar. Depois três, quatro. E logo um
galho, outras folhas. Enfim, uma pequena árvore de
quem a trança se despede no fim do verão, marcando
encontro para o ano próximo.
Agora, sem sol, é difícil para alguém ver a
arvorezinha no fundo do poço. Olhando com atenção,
talvez. Mas ninguém tem motivo para levantar-se na
ponta dos pés, espremer nariz e olhos entre as lâminas
de vidro do basculante, e olhar para baixo.
Ignorada, a árvore cresce. E cresce. Até chegar
ao primeiro basculante e, curiosa, meter uma folha
para dentro.

"Socorro! Tem uma árvore no meu banheiro!" Assim, a mulher que escovava os dentes grita para o porteiro descendo desabalada, e este vendo-lhe a boca branca de espuma pensa por um instante que ela está com alguma doença, talvez raiva. "Uma árvore! Uma árvore!", grita a mulher.

"Uma árvore?!", gritam os outros moradores, abrindo portas e entreolhando-se nos corredores, sem saber onde procurar coisa tão inesperada.



Afinal, esclarecida a situação, encaminham-se todos para a portinha estreita que dá para a área, nunca visitada. E um a um constata admiração: sim, é verdade, uma árvore verdeja o poço. O que fazer com ela? A indagação silenciosa abre todas as bocas, pendura todos os queixos.

6

O porteiro, homem prático, pensa logo nas folhas caídas que vai ter de varrer.

O síndico, homem sólido, pensa logo no abalo dos alicerces do prédio que as raízes vão causar.

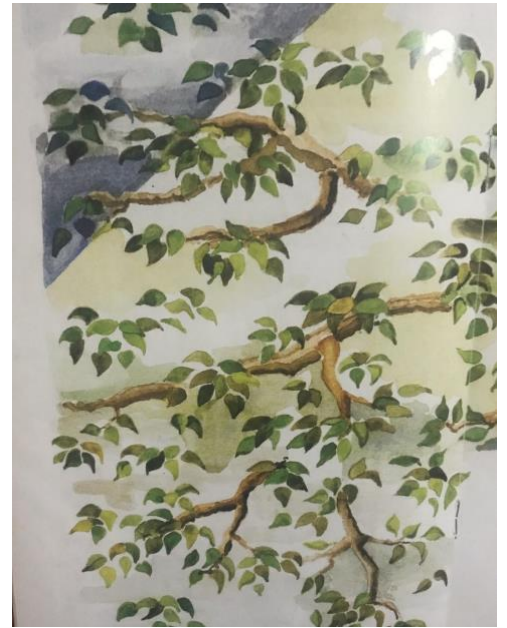
A inquilina do segundo andar, moça temerosa, pensa logo nos ladrões que pelos galhos podem subir.

A avó do quinto andar, senhora higiênica, pensa logo nos bichos que pela árvore podem entrar.

O tabelião do décimo andar, senhor asmático, pensa logo na umidade que a sombra vai gerar.



7



E todos juntos abrem ainda mais as bocas para dizer que é melhor cortar!

Mas justamente nesse instante uma brisa desgarrada esbarra nas folhas, e, como mais um ano já passou e são dez horas da manhã do primeiro dia de verão, a trança de sol joga-se poço abaixo abraçando-se carinhosa aos galhos. A árvore brilha e farfalha.

9

O porteiro esquece as folhas, o síndico esquece os alicerces, a moça esquece os ladrões, a avó esquece os bichos, o tabelião percebe que o ar puro da árvore será ótimo para a sua asma. E todos juntos se esquecem de terem sequer pensado em cortar.

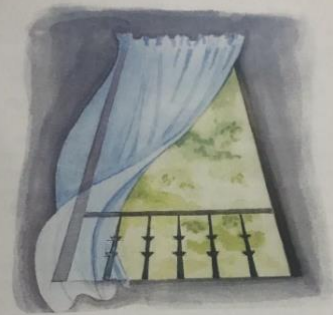
"Mas é importante tomar providências", diz o síndico.

E todos concordam, aliviados por poderem organizar sua emoção.

Nos dias que se seguem, as providências são tomadas.



10



A primeira é chamar um pedreiro para eliminar os basculantes e em seu lugar rasgar grandes janelas com mínimas sacadas. A segunda é chamar uma costureira para fazer leves cortinas quase transparentes. Que as janelas ninguém vai querer fechar. A terceira é estabelecer em ata solenemente assinada os direitos e deveres de cada morador em relação ao novo tesouro, ficando cada um responsável pela saúde e beleza dos galhos diretamente fronteiros à sua janela, e podendo usufruir de seus prazeres.

11



Assim aconteceu a partir de então que um lavasse "suas" folhas todas as manhãs com um paninho molhado em água de cheiro, que outro pingasse fortificante nas raízes, que um terceiro prendesse um espelho na parede para refletir o sol sobre a árvore mesmo durante o inverno, que um quarto enfolasse seus galhos em lãs macias para protegê-los do frio.

E que um pendurasse no "seu" galho uma gaiola de passarinhos, outro uma samambaia, outro ainda uma rede, que um pousasse nele um papagaio, outro uma borboleta de papel-crepom, e outro lhe prendesse sininhos para balançarem ao vento.



12



Cada um a seu modo, os moradores do prédio vivem agora à sombra da árvore, partilhando com ela tempo e hora. Sem saberem porém que acarinhada, alisada, abafada quase de tanto amor, a árvore suspira, como é dado às árvores suspirar, e no tremor das folhas sonha com a livre amplitude das florestas.

Sonhando, chega à primavera em que, obedecendo ao seu crescimento, a árvore espreguiça ao longo dos galhos pequenos brotos sedosos, que ao longo dos dias se abrem em minúsculas flores, e que aos poucos o verão que chega transforma em minúsculos frutos, cheios de minúsculas sementes. Tão minúsculas e leves que, quando finalmente amadurecem e caem, vêm pelo ar quase flutuando, e qualquer sopro as leva.



13



No alto, agitam-se festivos os galhos que já ultrapassam a estreiteza do poço. E vendo as sementes que se vão na boca do vento, a árvore imagina a linda vida que terão nas campinas, o crescimento que as espera na encosta das colinas. E a esse pensamento sua seiva parece fazer-se mais doce no escondido do tronco.

A cada dia, mais sementes partem para suas longas viagens. Até que não resta mais nenhum fruto, a não ser o último, lá em cima, na ponta mais alta do mais alto galho. E antes que o vento chegue para buscar seus viajantes, é nesse galho que um pássaro pousa.

14

Estremece a árvore, despedindo-se do último portador dos seus sonhos. Mas no tremor dos galhos a rede balança, os sininhos tocam, palpitam as asas de papel-crepom. E as samambaias, o papagaio, os suspiros da moça, os achaques do tabelião, toda a vida do poço parece estremeecer com ela, acompanhar seu suspiro.

Distraída de seus devaneios por tanta amorosa harmonia, a árvore esquece por um instante o sussurrar longínquo da floresta. E pela primeira vez se pergunta se não seria solitária demais a vida nas colinas, vazio o tempo que corre nas campinas. "Sozinha na encosta", pergunta-se em súbito susto, "a quem daria eu o meu carinho?"



15

Doce mel escorre numa gota de seiva. Então, pressurosa, antes que o vento chegue, a árvore pede ao pássaro para agarrar no bico o último, minúsculo, fruto e voar com ele. Voar sobre a cidade até encontrar um poço de arejamento bem fechado e bem cinzento. Para então, só então, abrir o bico e deixar cair no fundo o fruto cheio de sementes.



16

